



A IMPORTÂNCIA DAS CONSTRUÇÕES IDENTITÁRIAS PARA A EDUCAÇÃO DE JOVENS ATUANTES EM COLETIVOS CULTURAIS

Emanuelle de Oliveira Souza
manusouza1@yahoo.com.br

RESUMO

O presente texto trata das relações entre as construções identitárias e a formação de jovens que atuam em coletivos sociais/culturais, partindo de questões suscitadas durante pesquisa de Mestrado que analisou relatos de jovens estudantes do Ensino Médio, de uma escola da rede estadual de ensino de Maceió, Alagoas. Os jovens eram atuantes no movimento hip-hop; em uma ONG LGBT; e um grupo religioso e apresentaram aspectos peculiares em comparação com os demais participantes da pesquisa. O presente artigo traz algumas das falas desses jovens, e fundamenta-se em autores que discutem sobre concepções de identidade, juventude, cultura e educação. Refletindo sobre aspectos apresentados pelos jovens atuantes nos coletivos culturais, sobre as suas representações sobre a experiência escolar, a cultura e a vivência das diversas condições juvenis. Propõe-se o questionamento quanto à importância da consideração das construções identitárias para a educação dos sujeitos jovens; a contribuição das experiências de vida proporcionadas aos jovens pelos coletivos culturais e sua importância para a formação humana dos mesmos.

PALAVRAS-CHAVE: Juventudes. Identidades. Coletivos culturais. Processos educativos.

1 INTRODUÇÃO

As reflexões propostas no presente texto partem de questões surgidas durante pesquisa de Mestrado, concluída em 2012, que gerou a dissertação intitulada *O que é ser jovem... aluno... e alagoano? - um estudo sobre referências culturais e identidades juvenis*. As discussões realizadas em virtude desta pesquisa fomentaram nos/as jovens envolvidos uma reflexão individual e coletiva sobre o que os mesmos conhecem a respeito de suas referências culturais, como alagoanos e como jovens, e o quanto esse assunto é invisível no ambiente escolar. Na oportunidade, foi possível observar aspectos identitários de jovens que mantinham atividades extraescolares e se destacavam, em comparação aos demais, por seus posicionamentos sobre as questões apresentadas nos grupos de discussão e entrevistas aplicadas durante a pesquisa. Os entrevistados tinham em comum o fato

de participarem de coletivos sociais/culturais, o que gerou a hipótese de que essa atuação fornece um saber significativo que se alia ao saber escolar na formação desses sujeitos, mesmo que a escola não se aproxime desses coletivos.

Entre os/as jovens participantes da pesquisa, três atraíram interesse de modo especial por seu desempenho durante os grupos de discussão. Com estes três jovens foram realizadas entrevistas individuais tratando de aspectos mais específicos referentes às múltiplas identidades juvenis que se apresentaram durante as discussões nos grupos, que foram aprofundadas junto aos entrevistados. Aspectos identitários ligados à subjetividade e à individualidade, como: a relação com a família, a religiosidade, a relação com o saber, a participação política, a experiência com drogas, *questões de identidade* e expressão de *gênero*, a vivência do mundo do trabalho; que podiam influenciar a representação que esses sujeitos tinham de si enquanto estudantes e enquanto jovens alagoanos.

Considero que esses aspectos observados nas entrevistas tanto apontaram para questões amplas da condição juvenil como para a percepção de que a individualidade e a experiência pessoal de cada um dos sujeitos, fornecem um pano de fundo que precisa ser observado. Trata-se da relação entre as construções identitárias e a constituição do saber significativo, que nem sempre é exclusivo da escola, pois remete a contextos sociais e subjetivos, particulares de cada um dos jovens enquanto sujeitos socioculturais. Nesse processo de construção de conhecimento, existe – aliada à escola, mas nem sempre em contato com esta – a atuação de coletivos culturais que formam esses jovens para a vida.

Sendo assim, no presente artigo, proponho uma reflexão sobre algumas concepções de identidades, culturas, juventudes e escola e trago algumas das falas dos jovens que apontam para a relação entre a sua atuação nos coletivos culturais e a consistência da sua formação humana, mostrando a importância de se pensar nesses aspectos nas pesquisas sobre juventudes e formação.

2 PENSANDO SOBRE IDENTIDADES, CULTURAS, JUVENTUDES E ESCOLA

A reflexão aqui proposta envolve, inevitavelmente, a discussão sobre identidades, partindo da compreensão de que, atualmente, estas são constituídas

por um sujeito pós-moderno (HALL, 2011, p.13), composto não de uma, mas de várias identidades, fruto de um processo que se tornou “provisório, variável e problemático” (*ibidem*). Concepções anteriores apontavam para a possibilidade de estabilizar os sujeitos e os mundos culturais, tornando-os mais unificados e predizíveis. Porém, atualmente o mundo apresenta-se de forma fragmentada, interferindo no processo de identificação dos sujeitos que, segundo Hall, “não tem uma identidade fixa, essencial ou permanente” (*ibidem*), mas uma identidade que se transforma continuamente reagindo às intervenções dos sistemas culturais nos quais o sujeito está inserido, assumindo as chamadas “identidades possíveis” (*ibidem*), com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente – em momentos diferentes das nossas vidas.

De acordo com Hall, há duas formas de pensar a identidade cultural. A primeira concepção parte da perspectiva na qual uma comunidade busca recuperar a verdade sobre seu passado na unicidade de uma história e de uma cultura partilhada. A segunda concepção vê a identidade como uma questão tanto de tornar-se, quanto de ser, considerando a reconstrução da identidade movida pela constante transformação do passado. (HALL *apud* SILVA, 2005, p. 28). Considerando essa constante mutação ou incompletude, o autor nos sugere pensar não em termos de identidade como algo acabado, mas pensar em identificação como um processo em andamento. Segundo ele, “a identidade surge não tanto pela plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é preenchida a partir do nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginávamos ser vistos pelos outros” (HALL, 1997, p. 24). A identidade permanece sempre incompleta e em um constante processo de construção que envolve a reflexão sobre passado e a interação com o presente.

Complementando esse pensamento, Dubar (2009, p. 13), aponta que o paradoxo envolvido na configuração da identidade – aquilo que existe de único e aquilo que é partilhado – só pode ser compreendido a partir do elemento que une as duas operações em jogo no processo de construção identitária: a identificação para si e a identificação pelo outro. Segundo o autor, está em curso, na atualidade, um movimento histórico de transição entre dois modos específicos de identificação. O primeiro é pautado na compreensão essencialista – que parte do princípio de que cada indivíduo possui uma fonte essencial de identidade, advinda do grupo de

pertença social a que está vinculado e supõem a crença na existência de comunidades, como “sistemas de lugares e de nomes pré-atribuídos aos indivíduos que se reproduzem de modo idêntico através das gerações” (DUBAR, 2009, p.15). Já o segundo modo de identificação, considerado em emergência, pressupõe a existência de “coletivos múltiplos, variáveis, efêmeros, aos quais os indivíduos aderem durante períodos limitados e que lhes fornecem recursos de identificação que eles administram de maneira diversa e provisória”.(ibidem) Neste enfoque, portanto, as pertenças podem ser múltiplas e mutantes ao longo da vida.

Mische (1997) também discute a identidade sob o ponto de vista do “reconhecimento” que é realizado a partir de alguns atributos, como classe, gênero, raça ou nacionalidade. Para ela, tais atributos indicam apenas “identidades possíveis, que se tornam visíveis, efetivas e relativamente “fixas” apenas quando reconhecidas publicamente” (MISCHE, 1997, p. 139). Esse aspecto engloba a dimensão intersubjetiva de redes sociais, a exemplo da escola, do bairro, do trabalho, cada qual com seu repertório próprio de “reconhecimentos coletivos”.

Na busca pela definição do conceito de identidade, recorreremos à reflexão apresentada por Frederick Barth que a concebe como manifestação relacional, ultrapassando a alternativa objetivismo/subjetivismo. As concepções objetivistas consideram critérios como: hereditariedade, genealogia, língua, religião, as raízes culturais em geral; ou seja, fatores que preexistem ao indivíduo para a constituição da sua identidade. Já a concepção subjetivista baseia-se na representação pessoal do indivíduo diante da sociedade, sendo basicamente uma escolha individual de como o sujeito se vincula na coletividade. Para Barth “uma cultura particular não produz por si só uma identidade diferenciada: esta identidade resulta unicamente das interações entre os grupos e os procedimentos de diferenciação que eles utilizam em suas relações” (CUCHE, 1999, p. 182). Essa visão define um meio termo entre as duas concepções anteriores apontando um entendimento do fenômeno da identidade por meio das relações entre os grupos sociais.

Porém, “participar de determinada cultura particular não implica automaticamente ter certa identidade particular” (ibidem, p 200), pois se considerarmos que não existe identidade cultural em si mesma, não é possível defini-la de forma conclusiva, mas sim uma construção social. Um pesquisador não deve buscar a definição da identidade cultural que está sendo investigada, mas sim

buscar os elementos que constituem aquela identidade situando-a no tempo, no espaço, no contexto que a produz. Diante dessa relação tão intrínseca entre a/as identidade/s e os grupos culturais com os quais os sujeitos interagem, faz-se necessário explanar sobre o conceito de cultura.

Segundo Cuche (1999), o termo “cultura” tem origem no latim e referia-se a “cultivo”, evoluindo para duas visões divergentes: a universalista francesa, que atribuía ao termo um significado de progresso, como melhoria da sociedade, sendo substituído pela expressão “civilização”; e a visão particularista alemã que relacionava cultura com o enriquecimento intelectual e espiritual. Essas visões estão na base das duas maneiras de definir o conceito de cultura nas ciências sociais contemporâneas.

A primeira definição etnológica de cultura é dada por Edward Burnett Tylor, para o qual cultura e civilização, tomadas no seu sentido etnológico mais vasto, são um conjunto complexo que inclui o conhecimento, as crenças, a arte, a moral, o direito, os costumes e as outras capacidades ou hábitos adquiridos pelo homem enquanto membro da sociedade (CUCHE, 1999, p. 35). Bem como Para Franz Boas¹ cada cultura é dotada de um estilo particular que se exprime através da língua, das crenças, dos costumes, também da arte, mas não apenas desta maneira; este espírito próprio a cada cultura influi sobre o comportamento dos indivíduos. (*ibidem*, p. 45). Dessa forma, a cultura é a expressão da totalidade da vida social do homem.

Sob os prismas das identidades e das culturas, voltamos nosso olhar para as juventudes, recorrendo a Juarez Dayrell (2007), corroborando com este e outros pesquisadores das juventudes, que adotam o termo “condição juvenil” ao tratar deste tema, considerando que

a juventude refere-se ao modo como uma sociedade constitui e atribui significado a esse momento do ciclo da vida, no contexto de uma dimensão histórico-geracional, mas também à sua situação, ou seja, o modo como tal condição é vivida a partir dos diversos recortes referidos às diferenças sociais – classe, gênero, etnia etc. Na análise, permite-se levar em conta tanto a dimensão simbólica quanto os aspectos fáticos, materiais, históricos e políticos, nos quais a produção social da juventude se desenvolve (ABRAMO, *apud* DAYRELL, 2007).

1 Franz Boas iniciou as pesquisas sobre a aculturação e as trocas culturais, gerando a “corrente difusionista” que baseava seus estudos do fenômeno da difusão, resultado dos contatos entre diferentes culturas e da circulação dos traços culturais. Seus estudos revelam a complexidade dos fenômenos de empréstimo, sendo este frequentemente uma transformação e até a recriação do elemento emprestado, pois ele deve se adaptar ao modelo cultural da cultura receptora. (CUCHE, 1999, p. 70).

Abordar a relação entre cultura e juventude exige perceber como os/as jovens vivem essa juventude; as vulnerabilidades e potencialidades contidas em suas condições de vida e a pluralidade de expressões culturais que emergem da experiência dos grupos juvenis. Percebemos que para compreender os/as jovens

é preciso levar em conta a dimensão da 'experiência vivida', que permite aprender a história como fruto da ação dos sujeitos. Estes experimentam suas situações e relações produtivas como necessidades, interesses e antagonismos e elaboram essa experiência em sua consciência e cultural, agindo conforme a situação determinada. (DAYRELL, 1996, p. 140)

Corroboramos também com Dayrell, quando aponta que o que cada jovem é, ao chegar à escola, é fruto de um conjunto de experiências sociais vivenciadas em diferentes espaços sociais.

Esses jovens que chegam à escola são o resultado de um processo educativo amplo, que ocorre no cotidiano das relações sociais, quando os sujeitos fazem-se uns aos outros, com elementos culturais a que têm acesso, num diálogo constante com os elementos e com as estruturas sociais onde se inserem e as suas contradições. Os alunos podem personificar diferentes grupos sociais, ou seja, pertencem a grupos de indivíduos que compartilham de uma mesma definição de realidade, e interpretam de forma peculiar os diferentes equipamentos simbólicos da sociedade. (*ibidem*, p.142)

Percebe-se então que uma forma de compreender os/as jovens que chegam à escola é apreendê-los como sujeitos socioculturais. Essa perspectiva implica em superar a visão homogeneizante e estereotipada da noção de aluno; compreendê-lo na sua diferença, enquanto indivíduo que possui uma historicidade, com visões de mundo, escalas de valores, sentimentos, emoções, desejos, projetos, com lógicas de comportamentos e hábitos que lhe são próprios (DAYRELL, 1996, p.140). Esse conjunto de fatores está diretamente relacionado com a mobilização para aprender. "Só aprende quem encontra alguma forma de prazer no fato de aprender [...] a motivação é externa, ao passo que a mobilização é um fenômeno interno [...] mobiliza-se a si mesmo de dentro" (CHARLOT, 2013, p. 159-160).

Concordo com Charlot (2013) quando afirma que atrás da mobilização intelectual ou da ausência desta, há "toda a construção da relação com o saber, da relação com o mundo, da relação com os outros" (*ibidem*, p. 173). Sendo assim, o reconhecimento da identidade cultural do indivíduo jovem é importante para que ele possa, conhecendo a si mesmo, localizar-se diante da sociedade como um todo, interagindo junto aos outros indivíduos, e mobilizar-se na construção dessa sociedade.

Essa premissa, aliada a várias falas dos jovens que pesquisei, das quais apresentarei algumas neste texto, mais adiante, são os fundamentos dos meus principais questionamentos: Como a participação dos/as jovens em coletivos culturais influencia na sua formação identitária e cultural? Essa atuação influencia em sua experiência escolar? Como esses/as jovens percebem a relação entre a escola a esses aspectos identitários? Tenho a hipótese principal de que a atuação em coletivos culturais contribui tanto quanto – e talvez mais do que – a escola com a formação para vida e até mesmo na relação dos/as jovens com a aprendizagem. Trata-se da “necessidade de compreensão da relação entre as demandas, as culturas e as necessidades próprias dos jovens e suas implicações na relação destes com a escolarização” (DAYRELL, 2009, p. 4).

Se, como afirmam Moreira e Candau (2003), a escola precisa ser repensada como “instituição cultural” (MOREIRA; CANDAU, 2003, p. 159) – por ser um ambiente rico em experiências e entrelaçamentos de culturas e ter seu cotidiano preenchido não somente de sua rotina pedagógica, mas também das relações sociais que ali se desenvolvem e se intercalam – para trabalhar com as juventudes, com suas múltiplas culturas, é preciso o reconhecimento de suas experiências e expectativas para que a escola possa ser um ambiente de pertencimento desses jovens e consiga explorar toda sua potencialidade, não somente em sua função pedagógica mas também como local de sociabilidade, de afetos e de desenvolvimento de seres humanos conscientes de si mesmos e de sua relação com os outros.

3 O LUGAR DAS IDENTIDADES NAS NARRATIVAS JUVENIS

A pesquisa que originou as reflexões aqui propostas realizou-se em uma escola estadual na periferia de Maceió, em Alagoas, com estudantes na faixa etária de 15 a 29 anos, concluintes do Ensino Médio. O objetivo foi o de analisar as representações dos jovens sobre aspectos da cultura em Alagoas, sobre identidades juvenis e sobre a experiência escolar. O estudo baseou-se em três instrumentos metodológicos: questionários, grupos de discussão e entrevistas semiestruturadas individuais. A questão central do questionário aplicado aos sujeitos da pesquisa era a seguinte: “Se um alienígena chegasse a Terra e pedisse para que você

apresentasse a ele a cultura de Alagoas, o que você diria?”. O objetivo era investigar que referências vêm à mente dos jovens quando pensam nas referências culturais alagoanas e quais elementos eles expressariam como significativo sobre sua cultura.

Posteriormente os jovens participaram dos grupos de discussão, para os quais foi usado um procedimento metodológico inspirado na metodologia utilizada por Weller (2006). Foram formados dois grupos, um com oito participantes do turno diurno e outro com onze participantes do turno noturno. Realizamos dois encontros com cada um dos grupos. Na ocasião também foi feito um levantamento do “Perfil dos Integrantes do Grupo de Discussão” com o objetivo de obter algumas informações sobre os participantes, especificamente em relação à família, estudos e lazer.

A variedade das formas de pensar e das posturas dos jovens durante a realização dos grupos de discussão fez necessário o aprofundamento do diálogo com alguns dos sujeitos da pesquisa. Para alcançar esse objetivo optou-se pela entrevista semiestruturada, utilizando um roteiro com questões norteadoras, mas que não seguem obrigatoriamente uma ordem e uma formulação fixa, sendo utilizadas de acordo com o desenvolvimento das respostas, uma vez que este tipo de entrevista colabora muito na investigação dos aspectos afetivos e valorativos dos sujeitos que determinam significados pessoais de suas atitudes e comportamentos. Além disso, as respostas espontâneas dos entrevistados e a maior liberdade que estes têm fez surgir questões inesperadas que foram de grande utilidade na pesquisa. Entre os participantes dos grupos de discussão, foram selecionados três jovens, que aqui serão mencionados com nomes fictícios. Coincidentemente, os três atuavam em coletivos culturais: Arnaldo, no movimento hip hop; Val, uma Organização Não-Governamental (ONG) voltada ao público LGBT²; e Vinícius, junto a uma igreja cristã. Os três mencionaram os conhecimentos recebidos em ambientes fora da escola, o que, depois, ao analisar as entrevistas, despertou o interesse em aprofundar esse aspecto em uma pesquisa futura.

Ao perguntar aos jovens sobre a cultura em Alagoas, durante a referida pesquisa, observou-se que alguns dos jovens fogem do senso comum e consideram que “a cultura é algo pessoal/individual”. O que nos lembra que “a formação da

2 *LGBT* é a sigla de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros, em uso desde os anos 1990.

identidade ocorre também nos níveis 'local' e pessoal.” (WOODWARD *in* SILVA, 2005, p. 29) e alguns jovens têm consciência disso.

Se tratando de cultura aberta de AL, eu mostraria algumas: 1º Serra da Barriga o coração do Brasil; 2º Capoeira que eu acho linda; 3º Alguns escritores. E o hip-hop que vem crescendo nas periferias e mudando muitos jovens através do RAP. Com vários grupos que se prontificam para fazer o possível pra tirá-los das drogas, do crime, das ruas. Não consigo relatar, praias, teatro, música e etc... minha cultura é forte é quase uma “não cultura” em relação as folclóricas. É possível viver sem a cultura, porém também é possível criar uma só pra você. (Arnaldo, 20 anos)

Este jovem se vê envolvido no seu mundo, ele não prioriza a descrição essencialista de cultura, externa a ele. Ao contrário, relaciona a cultura de Alagoas o seu modo de expressão, que é mundial, nacional, mas também de seu lugar, pois serve para expressar suas ideias, para lutar pelos seus ideais, para criticar.

Observando o texto dos jovens que apresentaram características de contestação, de autonomia e de valorização das diversidades percebe-se que eles são apreciadores de poesia, especialmente do Rap³ ou hip-hop⁴ – isso também foi confirmado através das falas dos mesmos nos grupos de discussão – o que me faz acreditar que esses jovens tem consciência de que suas preferências constroem sua identidade cultural, mesmo percebendo que essa identidade não se enquadra no que é considerado pela maioria como “identidade alagoana”, ou com o que é exposto na grande mídia sobre as culturas em Alagoas. Esses jovens demonstram segurança quanto às suas preferências e sabem que isso não faz deles menos alagoanos.

Sobre essa característica, Carrano & Martins afirmam que “nos territórios culturais juvenis delineiam-se espaços de autonomia conquistados pelos jovens e que permitem a eles e elas transformar esses mesmos ambientes ressignificando-os a partir de suas práticas específicas” (CARRANO & MARTINS, 2011, p. 46). Observa-se, já a partir dos textos produzidos pelos jovens nos questionários, e mais ainda, nas outras etapas desta pesquisa, que os jovens anseiam e tentam se

³ A sigla “RAP” vem do inglês “Rhythm and Poetry” - “Ritmo e Poesia”. gênero de música popular, urbana, que consiste numa declamação rápida e ritmada de um texto.

⁴ Movimento cultural da juventude urbana, originário das comunidades afro-norte-americanas, que se manifesta de formas artísticas variadas (dança, rap, grafites etc.).

apropriar desses “espaços de autonomia”, a questão é se a escola contribui ou não para a conquista e o exercício da autonomia desejada.

Arnaldo, que compõe Rap voltado à evangelização e conscientização dos jovens se realiza nas suas produções e no movimento cultural do qual faz parte.

Desde pequeno eu ouvia Rap. E era aquele sonho: “quero ser jogador ou cantor de Rap”. Gosto de Rap! Pequeno eu queria cantar Rap no mundo, mas Deus não deixou. Quando eu voltei pra Jesus eu vim ter os conteúdos, passei a ler mais a Bíblia. A inspiração veio depois. (Arnaldo, 20 anos)

Segundo Arnaldo, os grupos de Rap trocam muitas informações sobre eventos culturais e divulgam entre seus membros quando acontece algum desses eventos. Numa noite, encontrei com o jovem *rapper*⁵ nos corredores da escola e o mesmo me entregou um panfleto da *3ª Marcha da Juventude Contra as Drogas*⁶, dizendo “Eu estava lá. Você foi?”. Eu respondi que não soube do evento e ele disse meio indignado: “De todo o Estado, quatro escolas estavam lá. Quatro! E as quatro couberam em um único ônibus!”. Deixando clara a quase inexistência da participação das escolas no evento. Recordei-me do que ouvi da Diretora, quanto aos docentes da escola acreditarem que o Hip-hop contribui para a ligação dos alunos com o tráfico de drogas. Arnaldo acredita no contrário e busca vivenciar sua cultura de forma marginal, resistindo a essa negação vinda da escola.

Val também possui atividades extraescola, ligadas ao movimento GLBT, do qual faz parte.

Eu faço parte de uma ONG que é o Pró-Vida [...]. A gente atua em vários bairros. Tem uma sede, a gente vai lá. A gente faz panfletagem com as profissionais do sexo. Lá na sede tem oficinas, palestras, conscientização de tudo. É mais voltado para os travestis e pra prostituição. Pra incentivar elas saírem da rua. Tem todo um suporte, tem advogado... (Val, 24 anos).

Durante sua entrevista, Val demonstrou sentir falta do apoio dos professores no sentido de contribuir para a disseminação de informações referentes à cultura na qual ele se inseriu.

Eu faria mais projetos de conscientização. Porque eu já sofri muito preconceito. Uma professora, umas três semanas seguidas, me chamou

⁵ Como são chamados os compositores de RAP

⁶ Uma iniciativa de entidades estudantis e outros movimentos juvenis: DCE-UNEAL, UMESE, Juventude Revolução, UJR, FETAG, CPT, MLST, MTL, MH2P, Blog da Sakura, Grupos de Rap – Nova Nação, Durval Mc, Vozes Urbanas, Biografia Rap, Fantasma, Contenção Mc, Lokos Realistas, Missão Resgate, Jov Mc, Davi 2P.

pelo meu nome de registro e eu já tinha pedido pra ela me chamar pelo meu nome social. Mas ela insistiu em me chamar pelo nome de registro na chamada. Depois que eu dei uma cortada⁷ [sic] nela, ela parou de chamar. Então eu faria mais projetos pra ensinar os professores como trata... porque os alunos se enturmam mais fácil. Mas os professores precisam ser mais conscientizados. Porque é assim, todo mundo tem seus direitos só que, como você é considerada “normal” pra sociedade você recebe seus direitos. E eu, pra receber os meus, tenho que lutar. (Val, 24 anos)

Acredito que fechar os olhos para realidades tão presentes nas vidas dos jovens alunos, é negligenciar a oportunidade abordar aspectos importantes da condição juvenil. Tratar a relação entre cultura e juventude exige perceber como os jovens vivem essa juventude: as vulnerabilidades e potencialidades contidas em suas condições de vida e a pluralidade de expressões culturais que emergem da experiência dos grupos juvenis. É impossível refletir a respeito da construção das identidades juvenis sem considerar a sua relação com a noção de “culturas juvenis”.

Na relação entre cultura, juventude e identidades, interessava saber o que representava a escola para esses jovens. Que importância a educação tem na trajetória de vida de cada um deles. Para esse questionamento, Vinícius, forneceu a seguinte resposta:

Educação é tudo, né? Sem ela a gente não chega em lugar nenhum não. Uma coisa que seguiu você desde que você se entendeu de gente, guiou você pela sua infância, adolescência, juventude e vai seguir você pelo resto da sua vida se você quiser... é porque é uma coisa muito importante, né não? E é assim: quanto mais você quer mais tem! Teve uma palestra na empresa onde eu trabalho e o palestrante disse: “Conhecimento é tudo. Não estude só por estudar, estude pra aprender. Trabalhe não só pelo dinheiro, trabalhe aprendendo!” E eu sempre gostei de ouvir, por ser criado na igreja, então aprendi a prestar atenção. Quando eu ouvi isso sobre conhecimento... eu trabalhava no setor de frios e eu lá eu não trabalhava muito... e me surgiu a oportunidade de trabalhar na produção, pra ser auxiliar de padaria, e lá você não para não! Ninguém quis ir. Eu disse “Eu vou!” aí alguém disse “Tu és doido é? Vai se matar lá?” eu disse, “Mas eu vou aprender! Quando eu sair daqui eu arrumo emprego em qualquer lugar!” (Vinícius, 19 anos)

Causou surpresa e encantamento a relação desse jovem com o conhecimento. É significativa a ideia de que “quanto mais você quer mais tem”, o que enfatiza a algo já apresentado por outros jovens participantes desta pesquisa: a tendência em assumir uma postura quase autodidata para suprir as carências de um sistema público de ensino deficiente. Observa-se que alguns dos jovens alunos conseguem encontrar a via para aquisição de um conhecimento gratificante e

⁷ Expressão popular que significa encerrar um assunto de forma firme.

realmente significativo utilizando seus próprios esforços e “garimpando” onde podem as mais variadas fontes de saber. Não obstante, a escola continua sendo a fonte principal de formação, conhecimento e ascensão social.

O conhecimento é tudo! Então, a escola, o pouco que eu sei... ainda a escola pública precisa melhorar em muitas coisas, a educação... mas se eu sei ler, se eu sei escrever, foi pela escola pública! Se eu sei fazer meu nome, foi a escola pública! Tudo é conhecimento! Se eu sei entender um texto... escola pública! Se eu sei interpretar, falar, minha forma de falar, foi a escola! A gente fala muito da escola pública, mas se não fosse essa escola aqui, que tem muitos defeitos, muita coisa pra melhorar... e a educação sempre vai ter o que melhorar, mas se não fosse ela... (Vinícius, 19 anos)

Identifica-se que, apesar da consciência de que a escola está longe de atender suas expectativas e reais necessidades, é possível perceber nos jovens demonstrações de gratidão e reconhecimento da importância da escola para seu desenvolvimento pessoal.

Pensando nisso, podemos identificar a importância de investigar a influência da atuação desses coletivos juvenis na formação de jovens que deles participam e se isso pode ser agregado à educação escolar na formação desses sujeitos, de modo a dialogar com suas identidades juvenis de forma mais condizente com o contexto social atual, tão fortemente permeado pelas diversidades.

Corroboro com essa visão de que cada indivíduo integra a pluralidade das referências que estão ligadas à sua história e que a sua identidade parte da consciência que se remete ao grupo cultural do qual faz referência nas diferentes situações relacionais. Essa premissa aguça ainda mais a curiosidade em compreender como atuação do indivíduo jovem em coletivos culturais influencia em sua formação e se essa atuação se alia ou se distancia da experiência escolar desses indivíduos.

Uma reflexão semelhante à aqui proposta, pode ser encontrada no artigo “Desregulamentando dicotomias: transletramentos, sobrevivências, nascimentos” (LOPES *et alli*, 2017), sendo que este volta-se à análise linguística de narrativas autobiográficas de jovens inseridos em movimentos culturais, indagando “não propriamente o modo “como o letramento hegemônico transforma os sujeitos”, mas sim “como os sujeitos transformam os letramentos hegemônicos””(ibidem, p. 776), defendendo que a vivência nesses coletivos consiste em uma experiência de

letramento tão ou mais significativa que a pretendida pela educação institucionalizada.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nas reflexões que aponte até agora, considero duas premissas fundamentais: a importância das referências culturais dos jovens e o princípio de que as identidades se formam com base nas relações destes/as com os grupos sociais do qual fazem parte. Somente dando voz a esses sujeitos é possível perceber como eles mesmos se identificam dentro do contexto social atual e qual parcela da sua formação pode ser atribuída à escola, à família, aos grupos culturais dos quais participam, já que todos esses segmentos fazem parte da constituição de suas identidades.

Apresentei no presente texto observações sobre aspectos identitários ligados à subjetividade e à individualidade: a relação com a família, a religião e a relação com o saber apresentada por Vinícius; a atuação no movimento hip-hop, a experiência com o tráfico de drogas e a conciliação entre a religiosidade e uma postura contestadora, apresentada por Arnaldo; a condição de travesti e sua relação com a família, o trabalho e a escola, a atuação junto a uma ONG voltada à cultura LGBT apresentada por Val; que são três entre tantas outras. Perpassando cada uma dessas identidades, busquei mostrar aspectos diversos da condição juvenil que delineiam diversas construções identitárias, de acordo com cada realidade expressada. Explanei conceitos de identidade e cultura e considero fundamental relacionarmos as construções identitárias ao processo educacional dos jovens; processo esse que se desenvolve dentro da escola e também fora dela, nos diversos ambientes culturais por onde os jovens transitam.

Acredito que os estudos sobre a educação precisam cada vez mais considerar os diversos processos educativos existentes na sociedade contemporânea, tão cheia de diversidades, em que os sujeitos são formados e se formam a partir das mais variadas referências culturais. Movida pelos questionamentos e reflexões aqui apresentados, iniciei no corrente ano uma pesquisa de doutorado junto a jovens atuantes em coletivos culturais, buscando contribuir no âmbito dos estudos sobre juventudes e formação, não somente extra

escolar como a educação escolar também, uma vez que as expressões dos/as jovens envolvidos poderão apresentar um reflexo também de suas impressões e seus anseios sobre a experiência vinda da escola.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber às práticas educativas**. São Paulo: Cortez, 2013.

DAYRELL, Juarez. A escola como espaço sociocultural. In: DAYRELL, Juarez. (Org.). **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1996. p. 136-178.

_____. **A escola faz as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil**. Educ. Soc., Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, p. 1105-1128, out. 2007.

_____. Juventude e escolarização: os sentidos do ensino médio. In: **Salto para o futuro**. Brasília: Secretaria de Educação a Distância, Ano XIX, boletim 18, nov. 2009.

DUBAR, Claude. **A crise das identidades: a interpretação de uma mutação**. São Paulo: Edusp, 2009

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções de nosso tempo. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 15-46, jul/dez, 1997.

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2011.

LOPES, Adriana C.; *et alii*. Desregulamentando dicotomias: transletramentos, sobrevivências, nascimentos. In: **Trabalhos em Linguística Aplicada**. Campinas, n. (56.3): 753-780, set./dez. 2017.

MISCHE, Ann. De estudantes a cidadãos: redes jovens e participação política. In. **Revista Brasileira de Educação**. Nos 5/6; p. 134-150; mai./jun./jul./ago./1997.

MOREIRA, Antonio Flavio Barbosa & CANDAU, Vera Maria. Educação escolar e cultura(s): construindo caminhos. **Revista Brasileira de Educação**. Campinas. n. 23, p. 156-168, 2003.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença – a perspectiva dos estudos culturais**. 4ªed. Petrópolis: Vozes, 2005.

WELLER, Wivian. Grupos de discussão na pesquisa com adolescentes e jovens: aportes teóricometodológicos e análise de uma experiência com o método. In: **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.32, n.2, p. 241-260, maio/ago. 2006.